



METODOLOGIA DE PESQUISA

Sandra Mara de Andrade

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

Sumário

Apresentação	04
Capítulo I	
A PESQUISA CIENTÍFICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	05
Capítulo II	
ÉTICA NA PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO	09
Capítulo III	
DELINEAMENTO OU ESTRATÉGIA DE PESQUISA	14
4.1 Estudo de caso	14
4.2 Bibliometria	20
4.3 Pesquisa de levantamento ou survey	22
Considerações finais	25
REFERÊNCIAS	26

APRESENTAÇÃO

Caros alunos,

este e-book foi desenvolvido para nortear a disciplina de Metodologia Científica. O objetivo do material é fornecer um guia para os estudos, abordando os assuntos referentes à disciplina e oferecendo materiais complementares, para aprofundamento das leituras e construção do conhecimento. Vocês encontrarão neste material uma reflexão sobre a pesquisa nas Ciências Sociais Aplicadas, questões éticas e plágio acadêmico, bem como a base sobre metodologia necessária para elaboração do projeto de pesquisa e do artigo científico, o que permite a aquisição de conhecimentos chave para a elaboração do trabalho de conclusão de curso.

Bons estudos!

Professora Sandra Mara de Andrade

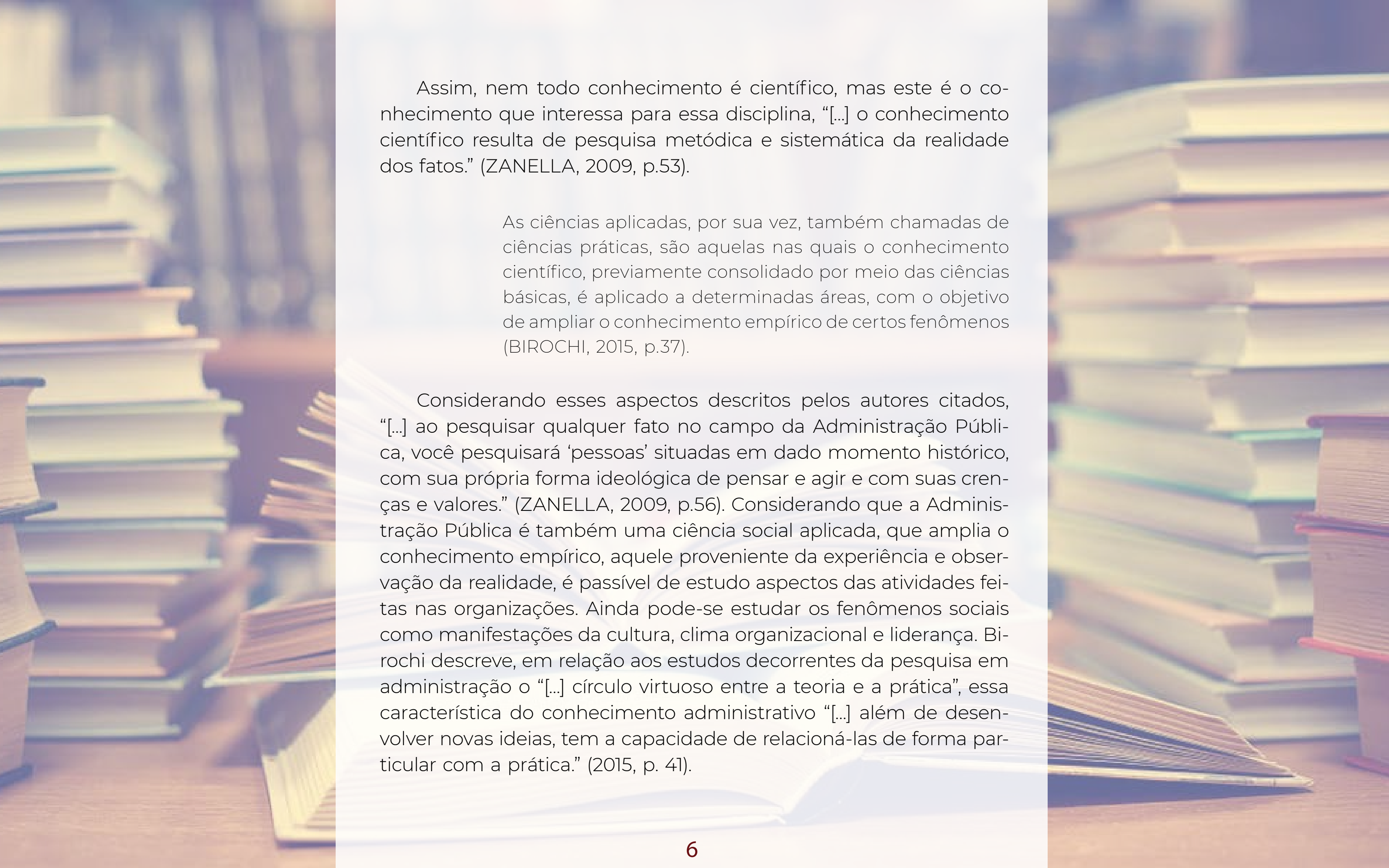
A PESQUISA CIENTÍFICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Para se discutir a pesquisa científica nas ciências sociais aplicadas, mais precisamente na administração, de modo geral e administração pública, é necessário descrever que a definição de ciência ainda é considerada um grande desafio, tanto que muitos cientistas consideram uma discussão insolúvel, se considerada a etimologia da palavra, ciência é conhecimento (GIL, 2007, p. 20). Mas o próprio autor argumenta que essa definição etimológica é inadequada, pois existem diferentes tipos de conhecimento e modos de conhecer que não são considerados científicos.

Lakatos e Marconi (2008) apresentam um quadro, a partir da sistematização de Trujillo Ferrari (1974) no qual o conhecimento é caracterizado a partir de quatro tipos:

Conhecimento popular	Conhecimento científico	Conhecimento filosófico	Conhecimento religioso (teológico)
Valorativo	Real (factual)	Valorativo	Valorativo
Reflexivo	Contingente	Racional	Inspiracional
Assistemático	Sistemático	Sistemático	Sistemático
Verificável	Verificável	Não verificável	Não verificável
Falível	Falível	Infalível	Infalível
Inexato	Aproximadamente exato	Exato	Exato

Fonte: Lakatos e Marconi (2008, p.18)



Assim, nem todo conhecimento é científico, mas este é o conhecimento que interessa para essa disciplina, “[...] o conhecimento científico resulta de pesquisa metódica e sistemática da realidade dos fatos.” (ZANELLA, 2009, p.53).

As ciências aplicadas, por sua vez, também chamadas de ciências práticas, são aquelas nas quais o conhecimento científico, previamente consolidado por meio das ciências básicas, é aplicado a determinadas áreas, com o objetivo de ampliar o conhecimento empírico de certos fenômenos (BIROCHI, 2015, p.37).

Considerando esses aspectos descritos pelos autores citados, “[...] ao pesquisar qualquer fato no campo da Administração Pública, você pesquisará ‘pessoas’ situadas em dado momento histórico, com sua própria forma ideológica de pensar e agir e com suas crenças e valores.” (ZANELLA, 2009, p.56). Considerando que a Administração Pública é também uma ciência social aplicada, que amplia o conhecimento empírico, aquele proveniente da experiência e observação da realidade, é passível de estudo aspectos das atividades feitas nas organizações. Ainda pode-se estudar os fenômenos sociais como manifestações da cultura, clima organizacional e liderança. Birochi descreve, em relação aos estudos decorrentes da pesquisa em administração o “[...] círculo virtuoso entre a teoria e a prática”, essa característica do conhecimento administrativo “[...] além de desenvolver novas ideias, tem a capacidade de relacioná-las de forma particular com a prática.” (2015, p. 41).

Cabe aqui algumas considerações sobre pesquisa:

- “A pesquisa visa essencialmente a produção de novo conhecimento e tem a finalidade de buscar respostas a problemas e indagações teóricas e práticas.” (ZANELLA, 2009, p. 63)
- “A pesquisa é a atividade básica da ciência, e por meio dela descobrimos a realidade.” (ZANELLA, 2009, p. 63)

A realização de uma pesquisa envolve um **método**, “[...] só se produz conhecimento científico, só se faz ciência, fazendo pesquisa por meio de caminhos científicos e se utilizando de métodos científicos.”(ZANELLA, 2009, p. 66), considerado o caminho para se chegar a um determinado fim, a resposta do problema proposto inicialmente. Dessa forma, método de modo geral é a “[...] forma de proceder ao longo de um caminho.” (TRUJILLO FERRARI, 1982, p. 19). E, método científico é o “[...] conjunto de etapas, ordenadamente dispostas, a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar determinado fim.” (GALLIANO, 1986, p.6)

Este vídeo fornece uma síntese, a partir da experiência de vários professores, dos assuntos tratados no e-book e na disciplina.

Easterby-Smith, Thorpe e Lowe (1999) reconhecem que são dois os paradigmas epistemológicos mais frequentemente adotados entre os pesquisadores da teoria organizacional: o positivista e o fenomenológico. Para os autores, o primeiro caracteriza-se por ser objetivista e o segundo é considerado mais subjetivista.

	Paradigma Positivista	Paradigma Fenomenológico
Crenças (como o pesquisador vê o mundo)	<p>O mundo é externo e objetivo.</p> <p>O observador é independente.</p> <p>A ciência é isenta de valores.</p>	<p>O mundo é construído socialmente e subjetivo.</p> <p>O observador é parte daquilo que é observado.</p> <p>A ciência é movida por interesses humanos.</p>
O pesquisador deve: (o que o pesquisador busca com sua pesquisa)	<p>Focalizar os fatos.</p> <p>Buscar causalidade e leis fundamentais.</p> <p>Reduzir os fenômenos aos elementos mais simples.</p> <p>Formular hipóteses e testá-las a seguir.</p>	<p>Focalizar significados.</p> <p>Procurar entender o que está acontecendo.</p> <p>Olhar para a totalidade de cada situação.</p> <p>Desenvolver ideias a partir dos dados através de indução.</p>
Os métodos preferidos incluem:	<p>Operacionalização de conceitos para que eles possam ser medidos.</p> <p>Tomar grandes amostras.</p>	<p>Uso de métodos múltiplos para estabelecer visões diferentes dos fenômenos.</p> <p>Pequenas amostras investigadas em profundidade ou ao longo do tempo.</p>

Fonte: Desenvolvido a partir de Easterby-Smith, Thorpe e Lowe (1999, p. 27)

A escolha do método (indutivo, dedutivo, dialético) depende do problema de pesquisa que se quer resolver, da teoria que sustenta a análise, dos objetivos da pesquisa, entre outros fatores (TRUJILLO FERRARI, 1982; TOMANIK, 1994; LAKATOS e MARCONI, 1991), como o paradigma científico do pesquisador.

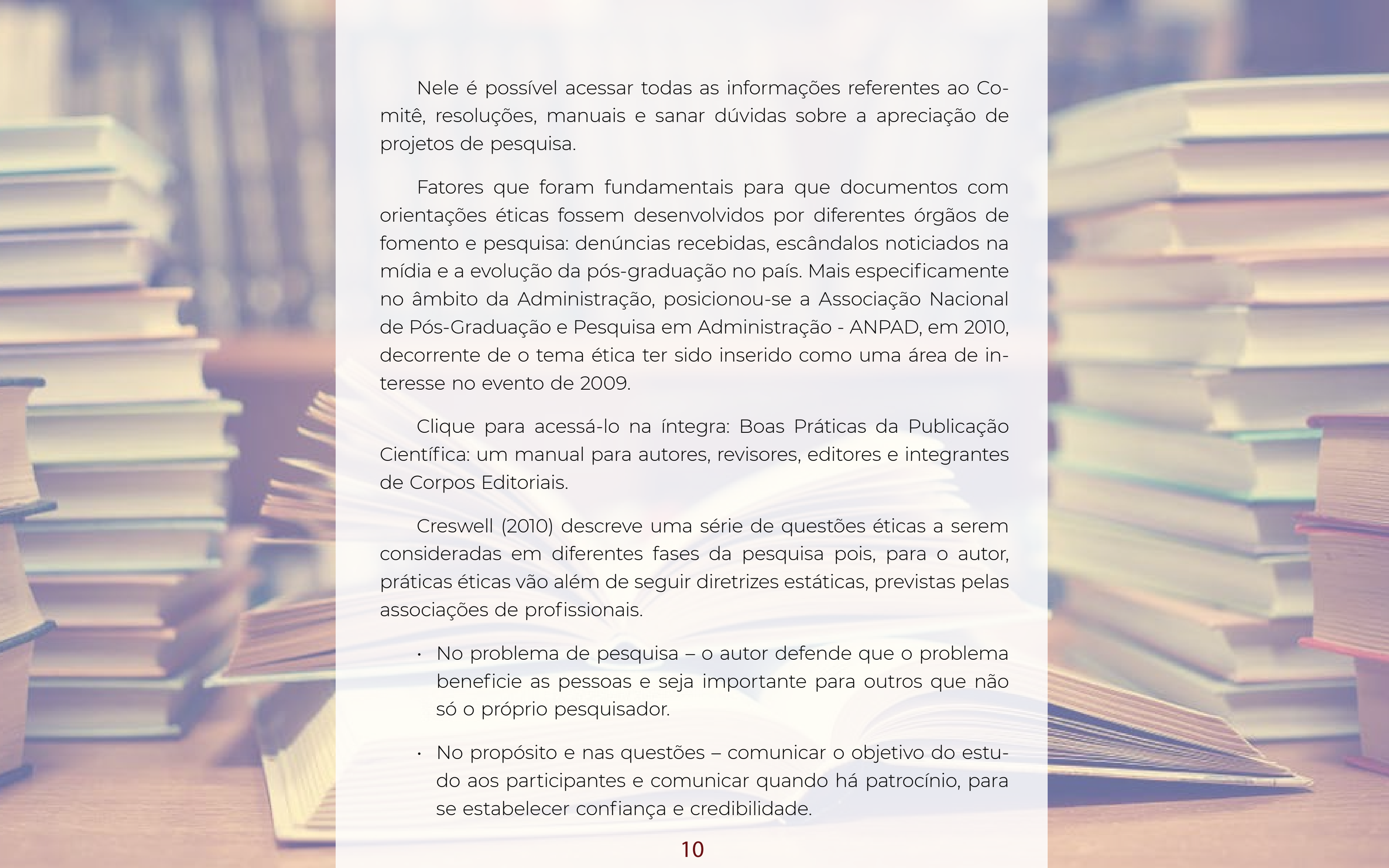
Finalizado esse rápido panorama da pesquisa nas Ciências Sociais Aplicadas, o próximo capítulo apresenta questões sobre aspectos éticos e plágio.

ÉTICA NA PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO

Ética é um tema proveniente da filosofia, atualmente em pesquisas é bastante discutido mas, por muito tempo, o que se cobrava do pesquisador era neutralidade, rigor na utilização do método científico e se isentava a pesquisa de discussões sobre ética. Com o desenvolvimento de pesquisas na área da saúde feitas globalmente, trazendo à tona questões como a vulnerabilidade de povos mais carentes e países em desenvolvimento como sujeitos de experimentos, iniciou-se a preocupação com os aspectos éticos (LEITE, 2012).

A Declaração de Helsinque, assinada em 1964, propôs a criação e implantação de Comitês de Ética em Pesquisa. No Brasil, a primeira diretriz sobre os aspectos éticos relacionados à pesquisa com seres humanos foi a Resolução 1/1988 do Conselho Nacional de Saúde – CNS , reformulada pela Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) a partir da qual foi criada a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), e Comitês de Ética em pesquisa que estão inseridos principalmente nas Universidades brasileiras, mas alguns estão ligados às secretarias de saúde e aos institutos de pesquisa (LEITE 2009).

Link do artigo. Para ter acesso ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unicentro, acesse o link:



Nele é possível acessar todas as informações referentes ao Comitê, resoluções, manuais e sanar dúvidas sobre a apreciação de projetos de pesquisa.

Fatores que foram fundamentais para que documentos com orientações éticas fossem desenvolvidos por diferentes órgãos de fomento e pesquisa: denúncias recebidas, escândalos noticiados na mídia e a evolução da pós-graduação no país. Mais especificamente no âmbito da Administração, posicionou-se a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - ANPAD, em 2010, decorrente de o tema ética ter sido inserido como uma área de interesse no evento de 2009.

Clique para acessá-lo na íntegra: Boas Práticas da Publicação Científica: um manual para autores, revisores, editores e integrantes de Corpos Editoriais.

Creswell (2010) descreve uma série de questões éticas a serem consideradas em diferentes fases da pesquisa pois, para o autor, práticas éticas vão além de seguir diretrizes estáticas, previstas pelas associações de profissionais.

- No problema de pesquisa – o autor defende que o problema beneficie as pessoas e seja importante para outros que não só o próprio pesquisador.
- No propósito e nas questões – comunicar o objetivo do estudo aos participantes e comunicar quando há patrocínio, para se estabelecer confiança e credibilidade.

- Na coleta de dados - respeitar os participantes e o local da pesquisa; não expor participantes e equipe da pesquisa ao risco; considerar necessidades especiais de população vulnerável; desenvolver formulário de consentimento informado; respeitar e discutir a confidencialidade; informar a extensão do tempo, potencial de impacto e resultados da pesquisa.
- Análise e interpretação dos dados – proteger o anonimato dos pesquisados; guardar os dados por um período razoável (5 a 10 anos) e depois descartá-los, para que não sejam utilizados para outros fins; relato preciso das informações.
- Redação e divulgação da pesquisa – não usar palavras ou linguagem tendenciosa; evitar práticas fraudulentas (supressão, falsificação, invenção de resultados) para atender às necessidades do pesquisador; prever as repercussões da condução da pesquisa junto a determinados públicos; reconhecer contribuições recebidas; não se envolver em publicação duplicada.

A má conduta em pesquisa é “[...] o ato intencional de fabricar, falsificar, plagiar dados e informações, enganar indivíduos e instituições e violar valores intersubjetivos da comunidade científica em qualquer fase do processo de pesquisa incluindo suas formalidades.” (ANDRADE, 2011, p.16). No mesmo sentido, o [Relatório da Comissão de Integridade de Pesquisa do CNPq](#) define modalidade de fraudes ou má-conduta em pesquisa e fornece diretrizes para não incorrer em tais atos:


Fabricação ou invenção de dados - consiste na apresentação de dados ou resultados inverídicos.

Falsificação: consiste na manipulação fraudulenta de resultados obtidos de forma a alterar-lhes o significado, sua interpretação ou mesmo sua confiabilidade. Cabe também nessa definição a apresentação de resultados reais como se tivessem sido obtidos em condições diversas daquelas efetivamente utilizadas.

Plágio: consiste na apresentação, como se fosse de sua autoria, de resultados ou conclusões anteriormente obtidos por outro autor, bem como de textos integrais ou de parte substancial de textos alheios sem os cuidados detalhados nas Diretrizes. Comete igualmente plágio quem se utiliza de ideias ou dados obtidos em análises de projetos ou manuscritos não publicados aos quais teve acesso como consultor, revisor, editor ou assemelhado.

Autoplágio: consiste na apresentação total ou parcial de textos já publicados pelo mesmo autor, sem as devidas referências aos trabalhos anteriores (CNPQ, 2011, s/p, grifo nosso).

O Plágio ainda tem implicações cíveis e criminais. [Ele pode ser analisado a partir do âmbito da ética, jurídico e institucional.](#) A Comissão de Avaliação de Casos de Autoria (biênio 2008-2010), do Departamento de Comunicação Social - Instituto de Arte e Comunica-



ção Social (IACS) da Universidade Federal Fluminense, desenvolveu uma cartilha, orientando para os diferentes tipos de plágio, que são três: integral, parcial e conceitual, bem como orientando sobre os artigos do código civil e penas a que está sujeito o indivíduo que comete plágio.

Acesse na íntegra: [cartilha sobre Plágio acadêmico](#)

DELINEAMENTO OU ESTRATÉGIA DE PESQUISA

Neste capítulo são abordadas as três principais estratégias de pesquisas desenvolvidas pelos alunos dos cursos do PNAP: Estudo de caso, bibliometria e pesquisa de levantamento ou survey.

4. 1 Estudo de caso

Gil (2017) apresenta as etapas do estudo de caso, mas observa que são flexíveis e com frequência o que foi desenvolvido numa etapa determina alterações na seguinte. As etapas descritas pelo autor são: formulação do problema ou das questões de pesquisa, definição das unidades-caso, seleção dos casos, elaboração do protocolo, coleta de dados, análise e interpretação dos dados e redação do relatório.

formulação do problema

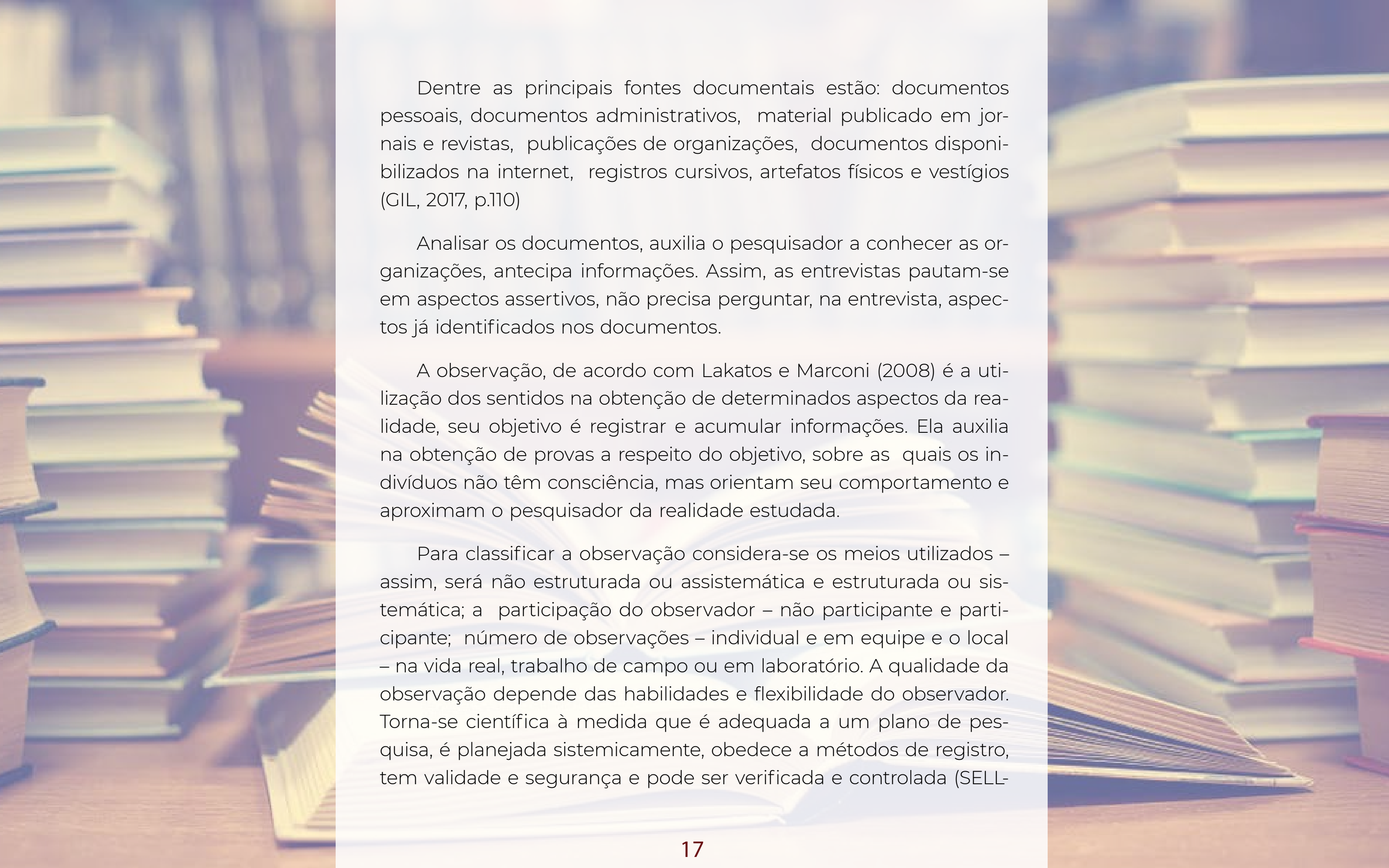
- Creswell (2010) sugere que as questões de pesquisa se iniciem com as palavras o que ou como, para transmitir a ideia de uma pesquisa aberta e abrangente
- Yin (2013) aceita como adequadas questões do tipo por que

<p>Definição da unidade-caso</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Depende dos propósitos da pesquisa; indivíduo num contexto definido, família ou qualquer grupo social, uma organização, uma comunidade, uma nação ou mesmo toda uma cultura. • Estudo de caso único - é a modalidade mais tradicional de estudo de caso, embora não seja atualmente a mais frequente, refere-se a um indivíduo, um grupo, uma organização, um fenômeno; • Estudo de caso múltiplo - estuda mais de um caso para investigar determinado fenômeno; não pode ser confundido, no entanto, com estudos de caso único que apresenta múltiplas unidades de análise.
<p>Seleção dos casos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Amostragem teórica- a medida que diferentes conceitos vão emergindo, o pesquisador inclui novos casos e o processo se conclui com a saturação teórica, que ocorre quando a inclusão de novos elementos já não é mais suficiente para alterar o conhecimento do fenômeno (GLASER e STRAUSS, 1967)
<p>Elaboração do protocolo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Deve conter: Dados de identificação, introdução, trabalho de campo (Definição de organizações e pessoas que constituirão objeto da pesquisa, definição de estratégias para obtenção de acesso a organizações e a informantes, agenda para as atividades de coleta de dados e modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Questões específicas (a serem utilizadas na coleta de dados, que são baseadas no problema ou nas questões mais amplas de pesquisa) previsão de análise dos dados(indicação dos procedimentos analíticos, guia para elaboração do relatório)
<p>Coleta de dados</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os estudos de caso requerem a utilização de múltiplas técnicas de coleta de dados. As mais comuns são: documentais, entrevistas e observações. Isto é importante para garantir a profundidade necessária ao estudo e a inserção do caso em seu contexto e para conferir maior credibilidade aos resultados

<p>Análise e interpretação dos dados</p>	<p>Pode ocorrer simultaneamente à coleta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • codificação dos dados - designação dos conceitos relevantes que são encontrados nos dados; • estabelecimento de categorias analíticas - conceitos que expressam padrões que emergem dos dados e são utilizadas com o propósito de agrupá-los de acordo com a similitude que apresentam; • exibição dos dados - a forma tradicional de análise dos estudos de caso consiste na identificação de alguns tópicos-chave e na consequente elaboração de um texto discursivo; • busca de significados - verificação sistemática dos temas que se repetem com vistas ao estabelecimento de relações entre os fatos e possíveis explicações; • credibilidade.
<p>Redação do relatório</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Yin (2013) desceve várias formas de redigir o relatório de um estudo de caso, entretanto, a estrutura clássica é a preferida tanto para publicação em periódicos científicos quanto para redação de teses e dissertações. (Introdução, Revisão Bibliográfica, Metodologia, Análise e discussão dos resultados e Conclusão).

Apresentadas as etapas para o desenvolvimento do estudo de caso, de acordo com Gil (2017) cabe detalhar a forma de coleta de dados, pois a utilização de múltiplas fontes de evidência é fundamental para garantir a profundidade e credibilidade do estudo. Dentre as técnicas mais utilizadas estão: a pesquisa documental, observação e entrevista.

A consulta a fontes documentais é imprescindível em qualquer estudo de caso. A medida que dados importantes estão disponíveis, não há necessidade de obtê-los mediante interrogação, a não ser que se queira confrontá-los.



Dentre as principais fontes documentais estão: documentos pessoais, documentos administrativos, material publicado em jornais e revistas, publicações de organizações, documentos disponibilizados na internet, registros cursivos, artefatos físicos e vestígios (GIL, 2017, p.110)

Analisar os documentos, auxilia o pesquisador a conhecer as organizações, antecipa informações. Assim, as entrevistas pautam-se em aspectos assertivos, não precisa perguntar, na entrevista, aspectos já identificados nos documentos.

A observação, de acordo com Lakatos e Marconi (2008) é a utilização dos sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade, seu objetivo é registrar e acumular informações. Ela auxilia na obtenção de provas a respeito do objetivo, sobre as quais os indivíduos não têm consciência, mas orientam seu comportamento e aproximam o pesquisador da realidade estudada.

Para classificar a observação considera-se os meios utilizados – assim, será não estruturada ou assistemática e estruturada ou sistemática; a participação do observador – não participante e participante; número de observações – individual e em equipe e o local – na vida real, trabalho de campo ou em laboratório. A qualidade da observação depende das habilidades e flexibilidade do observador. Torna-se científica à medida que é adequada a um plano de pesquisa, é planejada sistemicamente, obedece a métodos de registro, tem validade e segurança e pode ser verificada e controlada (SELL-

TIZ, WRIGHTSMAN e COOK, 1987). Enquanto técnica de pesquisa, a observação assume pelo menos três modalidades: espontânea, sistemática e participante.

Observação espontânea: o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa os fatos que aí ocorrem; é adequada aos estudos exploratórios, já que favorece a aproximação do pesquisador com o fenômeno pesquisado.

Observação sistemática: adequada para estudos de caso descritivos; o pesquisador sabe quais os aspectos da comunidade, da organização ou do grupo são significativos para alcançar os objetivos pretendidos; utiliza-se um plano de observação para orientar a coleta, análise e interpretação dos dados.

Observação participante: há interação, o objetivo é ganhar a confiança do grupo, a objetividade pode ser prejudicada; é natural ou artificial (o pesquisador se torna um membro do grupo)
(GIL, 2017)

A Entrevista, de acordo com Lakatos e Marconi (2008) é o instrumento básico de coleta de dados, é uma conversa face a face, de maneira metódica, cujo objetivo é compreender as perspectivas e experiências dos pesquisados.

Lakatos e Marconi (2008) caracterizam a entrevista a partir de uma padronização:

1. Padronizada ou estruturada:
 1. roteiro estabelecido – perguntas predeterminadas.
2. Despadronizada ou semiestruturada:
 1. liberdade do pesquisador para desenvolver cada situação.
 2. Três modalidades:
 1. focalizada – roteiro de tópicos, é necessário habilidade perspicácia do pesquisador;
 2. clínica – estuda-se sentimentos, motivos e condutas das pessoas
 3. não dirigida - total liberdade para o entrevistado manifestar suas opiniões e sentimentos.

Considera-se que a entrevista apresenta algumas vantagens frente a outros métodos. Uma das grandes vantagens da entrevista, segundo Kerlinger (1980, p. 350) é a a profundidade, além de valorizar a presença do investigador no processo e proporcionar que o sujeito da pesquisa tenha liberdade e espontaneidade. Assim, a investigação é enriquecida pois, partindo de questionamentos básicos, na entrevista semiestruturada, é possível que surjam outras interrogações. (TRIVIÑOS, 1987).

4.2 Bibliometria

A bibliometria é uma “[...] técnica quantitativa e estatística de medição dos índices de produção e disseminação do conhecimento científico.” (ARAÚJO, 2006, p. 12). Araújo e Alvarenga (2011) acrescentam que ela tem um papel relevante na análise da produção científica de um país, uma vez que os indicadores retratam o grau de desenvolvimento de uma área do conhecimento. É regida por leis ou indicadores. O quadro a seguir, adaptado de Okubo (1997) e Splitter, Rosa e Borba (2012, p.) por Soares, Picolli e Casagrande (2018, p. 321-322) apresenta os principais.

Para entender melhor as leis ou indicadores bibliométricos, acesse:

Lei de Lotka	Investiga as distribuições de frequência da autoria de artigos de determinado tema/área.
Lei de Bradford	Investiga as distribuições de frequência do número de artigos publicados por periódicos de determinado tema/área.
Lei de Zipf	Investiga as distribuições de frequência do vocabulário de textos de determinado tema/área.
Número de publicações por autor, revista, instituição ou tema	Investiga o volume de publicações de autores, periódicos, instituições ou temas de determinada área.
Número de coautores/colaboradores	Investiga a dinâmica do volume de pesquisa realizada de forma colaborativa, seja entre pesquisas individuais ou em grupo, ou nacionais e internacionais.

Copublicações: publicação com autores de diferentes países, instituições	Investiga a cooperação entre representantes de entidades e países, em pesquisas conjuntas, com a finalidade de criar uma matriz que evidencie os principais parceiros e forneça a descrição da rede científica.
Número de citações	Investiga o impacto dos artigos, dos periódicos e dos pesquisadores em função do número de citações.
Índice de afinidade	Investiga a taxa relativa de trocas científicas (entre países, instituições) por meio de citações.
Laços científicos	Investiga e mensura a influência de redes entre diferentes comunidades científicas.
Cocitações	Investiga o número de vezes que dois ou mais artigos são citados, simultaneamente, num mesmo artigo.

A análise das citações é a área mais importante da bibliometria, uma vez que “[...] que investiga as relações entre os documentos citantes e os documentos citados considerados como unidades de análise, no todo ou em suas diversas partes: autor, título, origem geográfica, ano e idioma de publicação etc.” (FORESTI, 1989, p. 3).

A pesquisa bibliométrica apresenta a mesma estrutura de um artigo empírico, sendo composta pelas seções: introdução, revisão de literatura, metodologia, resultados e conclusões. As seções de introdução, revisão de literatura e conclusões dos artigos bibliométricos guardam muita semelhança com o que se observa nos artigos empíricos, visto que elas também contêm elementos de contextualização do tema, desenvolvimento histórico, problema de pesquisa, objetivo de pesquisa, justificativa, pesquisas anteriores, fechamento e resultados, limitações, contribuição para o meio acadêmico e sugestões para pesquisas futuras (SOARES, PICOLLI e CASAGRANDE, 2018, p. 323)

Recomenda-se atenção na descrição dos procedimentos metodológicos de uma revisão bibliométrica. Cita-se as grandes etapas metodológicas, ou os caminhos percorridos e as decisões tomadas durante o processo: escolha da base de dados e abrangência temporal, escolha das palavras chave, critérios para os filtros e a análise dos materiais selecionados, apresentando os motivos ou a justificativa para as tomadas de decisões, o que permite ao leitor traçar novamente o percurso feito pelo pesquisador e garantir a legitimidade da pesquisa.

4.3 Pesquisa de levantamento ou survey

A pesquisa survey ou de levantamento é a estratégia destinada a estudar fenômenos que influenciam as interações entre pessoas na vida diária (SELLTIZ, WRIGHTSMAN e COOK, 1987). Para isso, dados de toda ou parte de uma população são coletados, com a finalidade de avaliar a incidência relativa, distribuição e inter-relações de fenômenos (KERLINGER, 1980). Freitas et al. reforçam que a pesquisa survey visa “[...] a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo [...] por meio de um instrumento de pesquisa, normalmente um questionário.” (2000, p. 105). Assim, entre as principais características do método, cita-se a produção de descrições quantitativas do fenômeno estudado, passíveis de reprodução, alinhado aos pressupostos do paradigma positivista.

Gil (2017) apresenta as etapas de uma pesquisa de levantamento:

Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Na survey ou levantamento o objetivo também pode ser testar hipóteses.
Operacionalização dos conceitos e variáveis	<ul style="list-style-type: none">• Quando um conceito ou variável não é empírico (facilmente observável e mensurável) é necessária sua operacionalização, para isso se faz a definição teórica, evidencia-se as dimensões do conceito e os aspectos pelos quais ele será mensurado.
Elaboração do instrumento de coleta de dados	<ul style="list-style-type: none">• Os instrumentos mais usuais são: o questionário, a entrevista e o formulário.
Pré-teste do instrumento	<ul style="list-style-type: none">• Busca verificar se o instrumento de pesquisa mensura efetivamente o que se propõe.• São aspectos importantes a serem verificados: "clareza e precisão dos termos"; "quantidade de perguntas", "formas das perguntas", "ordem das perguntas", "introdução" (GIL, 2017, p. 99, grifos no original).
Seleção da amostra	<ul style="list-style-type: none">• "Quando a amostra é rigorosamente selecionada, os resultados obtidos no levantamento tendem a aproximar-se bastante dos que seriam obtidos caso fosse possível pesquisar todos os elementos do universo." (GIL, 2017, p. 100).
Coleta e verificação dos dados	<ul style="list-style-type: none">• verificar se não há dados coletados com erros ou enviesados.
Análise e interpretação dos dados	<ul style="list-style-type: none">• "[...] envolve diversos procedimentos: codificação das respostas, tabulação dos dados e cálculos estatísticos. Após, ou juntamente com a análise, pode ocorrer também a interpretação dos dados, que consiste, fundamentalmente, em estabelecer a ligação entre os resultados obtidos com outros já conhecidos, quer sejam derivados de teorias, quer sejam de estudos realizados anteriormente." (GIL, 2017, p. 103).
Redação do relatório	<ul style="list-style-type: none">• deve obedecer ao propósito da pesquisa, se acadêmico, seguir as normas propostas, se profissional, verificar os padrões e interesses institucionais.

O questionário é o instrumento mais usado para esse tipo de pesquisa. Easterby- Easterby-Smith et al. (1999) afirmam que questionários quantitativos, em pesquisas de levantamento fornecem a possibilidade de obtenção de uma grande amostra.

Etapas para desenvolver um questionário:

- 1 - planejar o que vai ser mensurado;
- 2 – formular as perguntas para obter as informações necessárias;
- 3 – definir o texto, a ordem das perguntas e o aspecto visual do questionário;
- 4 – testar o questionário, utilizando uma pequena amostra, em relação à omissões e ambiguidade;
- 5 – caso necessário, corrigir o problema e fazer novo pré-teste.

(AAKER et al., 2001)

De acordo com Selltiz, Wrightsman e Cook (1987), o uso do questionário traz vantagens, pois se reduzem os custos de aplicação. Aaker et al. (2001) consideram que a construção de um questionário é uma arte imperfeita, pois não existem procedimentos exatos que garantam que os objetivos de medição sejam alcançados com boa qualidade. A experiência e o bom senso do pesquisador auxiliam na tarefa, reduzindo erros e ambiguidades das questões.

Considerações finais

Espera-se que esse material desfaça as principais dúvidas sobre os aspectos conceituais a respeito da metodologia e dos aspectos éticos para elaboração do projeto de pesquisa e posteriormente a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.

Prof.^a Sandra Mara de Andrade

REFERÊNCIAS

AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. Pesquisa de marketing. São Paulo: Atlas, 2001.

ANDRADE, J. X. Má conduta na pesquisa em ciências contábeis. ORIENTADOR: Gilberto de Andrade Martins. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade: Contabilidade) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ARAÚJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. Em Questão, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006.

ARAUJO, R. F.; ALVARENGA, L. A bibliometria na pesquisa científica da pós-graduação brasileira de 1987 a 2007. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação. Florianópolis, v. 16, n. 31, p.51-70, 2011.

BIROCHI, R. Metodologia de estudo e de pesquisa em administração. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC. Brasília: CAPES: UAB, 2015.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO CNPq. Relatório da Comissão de Integridade de Pesquisa do CNPq. Brasília, DF: CNPq, 2011. 7 p. Disponível em: <http://www.cnpq.br/documents/10157/a8927840-2b8f-43b9-8962-5a2ccfa74dda>., acesso em 19/10/2020

EASTERBY-SMITH, M.; THORPE, R.; LOWE, A. Pesquisa gerencial em administração: um guia para monografia, dissertações, pesquisas internas e trabalhos em consultoria. São Paulo: Pioneira, 1999.

FREITAS, H.; OLIVEIRA, M.; SACCOL, A.Z.; MOSCAROLA, J. O Método de pesquisa survey. Revista de Administração, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 105 - 112, jul./set. 2000.

FORESTI, N. Estudo da contribuição das revistas brasileiras de biblioteconomia e ciência da informação enquanto fonte de referência para a pesquisa. Orientador: Jaime Robredo

Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) – Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 1989.

GALLIANO, A. G. O método científico: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1986.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 2. reimpr. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research. Chicago: Aldine, 1967.

GODOY, A. S. Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. Gestão.Org – Revista Eletrônica de Gestão Organizacional, v. 3, n. 2, maio/ago. 2005.

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 6. ed. São Paulo: Record, 2002.

KERLINGER, F. N. Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual. São Paulo: EPU, 1980.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Metodologia científica. 2. ed. ver. ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Metodologia Científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEITE, A. P. R.; TACCONI, M. de F. F. da S.; EL-AOUAR, W. A.; MÓL, A. L. R.; ALEXANDRE, M. L. Ética na Pesquisa em Administração: Reflexões junto aos pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. ENCONTRO DA ANPAD, 33, 2009, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: USP, 2009. p. 1-16.

LEITE, A. P. R. Ética na pesquisa em administração. ORIENTADOR: Maria Arlete Duarte de Araújo. Tese (Doutorado em Administração) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARTINS, G. de A.; THEÓPHILO, C. R. Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MERRIAM, S. B. Qualitative research and case study applications in education. San Francisco: Allyn and Bacon, 1998.

MINAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

OKUBO, Y. Bibliometric indicators and analysis of research systems: methods and examples. OECD Science, Technology and Industry Working Papers, Paris, p. 1-70, jan./jun. 1997.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1985.

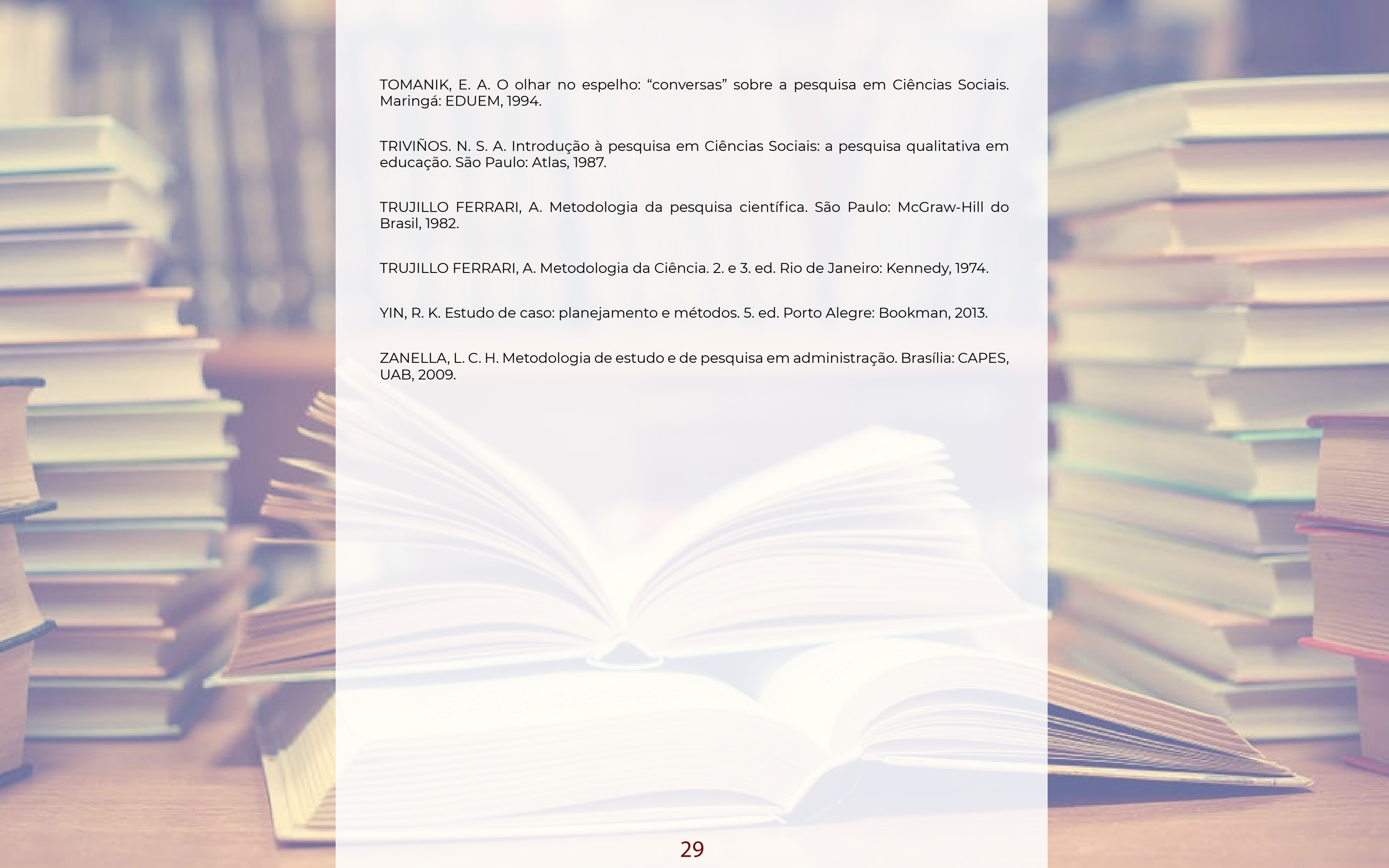
SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L.S.; COOK, S.W. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: EPU, 1987.

SPLITTER, K.; ROSA, C. A. da; BORBA, J. A. Uma análise das características dos trabalhos “ditos” bibliométricos publicados no Enanpad entre 2000 e 2011. ENCONTRO DA ANPAD, 36, 2012, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: Anpad, 2012. p. 1-16.

SOARES, S. V.; PICOLLI, I. R. A.; CASAGRANDE, J. L. Pesquisa bibliográfica, pesquisa bibliométrica, artigo de revisão e ensaio teórico em Administração e Contabilidade. Administração: Ensino e Pesquisa, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 308 – 339, maio/ago. 2018.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). Handbook of qualitative research. Thousand Oaks: Sage Publications, p. 435-454, 1994.

TERENCE, A. C. F.; ESCRIVÃO FILHO, E. Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nose Estudos organizacionais. Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 26, 2006, Fortaleza, Ceará. Anais [...]. Fortaleza: UFCE, 2006. p. 1-9.



TOMANIK, E. A. O olhar no espelho: “conversas” sobre a pesquisa em Ciências Sociais. Maringá: EDUEM, 1994.

TRIVIÑOS, N. S. A. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUJILLO FERRARI, A. Metodologia da pesquisa científica. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

TRUJILLO FERRARI, A. Metodologia da Ciência. 2. e 3. ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

ZANELLA, L. C. H. Metodologia de estudo e de pesquisa em administração. Brasília: CAPES, UAB, 2009.